

Memória e identidades no telejornalismo: a TV Globo Brasília como testemunha e agente da história do país e da capital federal¹

Gilze BARA²
Iluska COUTINHO³
Renata VARGAS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Uma cidade e uma emissora de televisão fundadas no mesmo dia, ainda que em anos diferentes. Foi a partir desse fato em que foi produzida a reportagem exibida no Jornal Nacional, da TV Globo, no dia 21 de abril de 2011. A matéria (re)constrói os acontecimentos que tiveram como palco a capital brasileira nos últimos 40 anos, e que foram testemunhados pelos cinegrafistas e pelos repórteres da TV Globo Brasília profissionais, muitas vezes, com um papel ativo na história. A “parceria” comunicação e desenvolvimento também está presente na matéria, numa demonstração de que o crescimento da emissora está intimamente ligado ao amadurecimento da capital federal. Este artigo busca compreender, por meio da análise da referida reportagem, os processos de apropriação, configuração e consagração de identidades nacionais e locais, a partir da representação dessas identidades e da evocação da memória no telejornalismo. Para isso, tem como suporte reflexões acerca dos processos de identificação e sua relação com a mídia.

Palavras-chave: televisão; identidades; memória; telejornalismo.

1 Introdução

O dia é 21 de abril. Ao longo dos anos, diferentes acontecimentos. Em meio a tantos, destacamos três. Em 1960, a inauguração de Brasília⁵, a nova capital federal. Em 1971, a inauguração da TV Globo Brasília. E em 2011, a exibição de uma reportagem de três minutos e 21 segundos de duração, pelo Jornal Nacional, sobre os 51 anos da capital federal e os 40 anos da TV Globo Brasília.

A oportunidade das duas datas comemorativas foi aproveitada pela TV Globo para entrelaçar as histórias da capital e da emissora. Imagens antigas e atuais fundem-se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação na América Latina: pensamento e ação do XV Colóquio Internacional da Escola Latino-americana de Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e Professora de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG). gilze.bara@gmail.com

³ Mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e Doutora em Comunicação Social (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University (CUNYC). Professora do Departamento de Jornalismo e do Mestrado da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: iluska@uol.com.br

⁴ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e Professora de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG). renata_vargas9@hotmail.com

⁵ Teria sido a escolha também uma referência memorial à Tiradentes, herói da Inconfidência Mineira? Nas terras de Minas Gerais a data ainda é lembrada pela morte do ex-presidente Tancredo Neves.

numa narrativa audiovisual sobre a nação, seu povo, suas personagens, seus acontecimentos. O velho e o novo evocados no presente em nome da memória e do futuro.

Este artigo busca, por meio da análise da referida reportagem, avaliar as representações adotadas pela TV Globo para promover a identificação do público com a emissora. Para fazer este estudo, são debatidos temas como identidades, memória e televisão.

2 Identidades

As transformações globais causam mudanças nos padrões de produção e consumo e, desta forma, produzem identidades novas e globalizadas. Daí as chamadas crises de identidade, características das sociedades contemporâneas. A globalização provoca

diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2005)

As crises de identidade estão inseridas num processo mais amplo de mudanças, que desloca as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abala a ancoragem estável dos indivíduos no mundo social. As velhas identidades estão em declínio, e novas identidades estão surgindo, fragmentando o indivíduo moderno. As transformações na sociedade ocasionam mudanças nas identidades pessoais, na ideia que cada um tem de si próprio como sujeito integrado. Stuart Hall (2000) nomeia esta “perda de um ‘sentido de si’ estável” de deslocamento ou descentração do sujeito.

Hall (2000) distingue três concepções diferentes de identidade. O sujeito do Iluminismo era um indivíduo totalmente centrado e unificado. Seu núcleo interior emergia quando o sujeito nascia e permanecia o mesmo (na essência) por toda a sua existência. O sujeito sociológico tinha o núcleo interior formado na relação com o outro, caracterizando uma concepção interativa da identidade e do eu. “A identidade [...] preenche o espaço entre [...] o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2000), estabiliza os sujeitos e os mundos culturais por ele habitados, contribui para que os

sentimentos subjetivos sejam alinhados aos lugares objetivos ocupados pelo indivíduo no mundo social e cultural.

Já a terceira concepção de identidade descrita por Hall (2000) é o sujeito pós-moderno. Antes tido como possuidor de uma identidade unificada e estável, o sujeito estaria se fragmentando, a partir do momento em que é composto não de uma, mas de várias identidades, formadas e transformadas continuamente. O sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos – inclusive identidades contraditórias, não unificadas em torno de um eu coerente. Além disso, com as mudanças estruturais e institucionais, tais identidades estariam entrando em colapso, o que faz com que o processo de identificação torne-se mais provisório, variável e problemático. É justamente este processo que produz o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, essencial ou permanente.

O sujeito moderno metamorfoseia-se em múltiplos, promovendo um deslocamento da identidade essencialista que se ancora em conceitos tradicionais como o pertencimento territorial, por exemplo. O sujeito moderno é

amparado pelo ambiente urbano, hiperestimulante e com um alargamento da consciência objetiva, hábitat das multidões e do anonimato, a percepção de que seria possível experimentar múltiplas vivências em termos identitários, sem necessariamente manter a ancoragem nos laços tradicionais. (ENNE, 2006)

Para Tomaz Tadeu da Silva (2005),

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2005)

A identidade não é o oposto da diferença. A identidade depende da diferença, uma vez que é marcada por ela. E a diferença, por sua vez, é estabelecida por uma “*marcação simbólica* relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2005). Tomaz Tadeu da Silva (2005) afirma que “em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é [...]. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe”.

Identidade e diferença têm uma relação de dependência. Quando se afirma uma identidade, se nega outras identidades e se nega diferenças. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2005).

As sociedades modernas são caracterizadas por mudanças constantes, rápidas e permanentes. Anthony Giddens afirma que as sociedades modernas estão sujeitas a “ondas de transformação social” (GIDDENS *apud* HALL, 2000). E entre as principais transformações que caracterizam as sociedades modernas estão as do tempo e do espaço.

Homi Bhabha (2001) defende que vivemos nas fronteiras do presente, num “momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. Segundo ele, em momentos de transformação histórica, emergem hibridismos culturais, que ganham autoridade a partir da complexa negociação da articulação social da diferença. O reconhecimento outorgado pela tradição é uma forma parcial de identificação. “Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’” (BHABHA, 2001).

No mundo moderno, uma das principais fontes de identidade cultural são as culturas nacionais. O local onde nascemos não está nos nossos genes, mas pensamos nele como se fizesse parte da nossa natureza essencial. Roger Scruton e Ernest Gellner defendem que “sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (SCRUTON e GELLNER *apud* HALL, 2000). Para Hall (2000), as identidades nacionais “são formadas e transformadas no interior da *representação*”. Uma nação, assim, é um sistema de representação cultural, uma comunidade simbólica.

Benedict Anderson afirma que a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”, argumentando que as diferenças entre as nações estão nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas (ANDERSON *apud* HALL, 2000). No mundo pós-moderno, as comunidades imaginadas são contestadas e reconstituídas. Kathryn Woodward concorda que a diferença entre as diversas identidades nacionais está nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas. “A identidade nacional é inteiramente dependente da idéia que fazemos dela” (WOODWARD, 2005). E mesmo que o passado reconstruído seja apenas imaginado, ele proporciona uma certeza no meio

do reinante clima de mudança e fluidez (WOODWARD, 2005). Muitas vezes, as nações voltam ao passado para seguir rumo ao futuro. Da mesma forma, as cidades.

O apelo aos mitos fundadores, para Silva (2005), é uma tentativa de fixação de identidades. Tais mitos fundadores criam laços imaginários e unem os componentes daquela comunidade imaginada.

Um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heróico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura ‘providencial’, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são ‘verdadeiros’ ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia. (SILVA, 2005)

Ainda que as identidades nacionais permaneçam fortes, as identidades locais, regionais e comunitárias têm ganhado importância. É que, “colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações ‘globais’ começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais” (HALL, 2000). Para alguns teóricos culturais, a interdependência global está promovendo um colapso nas identidades culturais fortes, sendo responsável pela fragmentação dos códigos culturais, o que Hall chama de “pós-moderno global”. De acordo com ele, os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de identidades partilhadas. E “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2000). Hall afirma que “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global (...), pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições (...)” (HALL, 2000).

O autor aponta como contratendência da homogeneização cultural o fato de que, ao lado da tendência em direção à homogeneização global, existe uma fascinação pela diferença e pela mercantilização da etnia e da alteridade – junto ao impacto do global, há um novo interesse pelo local. “A globalização [...], na verdade, explora a diferenciação local”, promovendo uma “nova articulação entre o global e o local” (HALL, 2000). Ou seja, a globalização não destrói as identidades nacionais, mas produz novas articulações globais e locais.

3 Memória, cidade e identidades

A memória tem uma dimensão estratégica e um papel próprio na construção de identidades. Enquanto teóricos da pós-modernidade enfatizam a perda da memória e da referencialidade histórica como uma das marcas da atualidade, reflexões mais recentes das ciências sociais dão conta de um *boom* da memória. Eles afirmam que a contemporaneidade é marcada, sim, “por uma dilatação do campo do memorável, com uma multiplicação de práticas voltadas para o passado” (RIBEIRO e BARBOSA, 2005). A chamada cultura da memória prega que nada pode ser destruído e que tudo ser armazenado, arquivado.

Conforme o historiador francês Pierre Nora, a “obsessão pela memória e pelo arquivamento está relacionada à amplitude das mudanças do mundo que nos cerca – a chamada ‘aceleração da história’” (NORA *apud* RIBEIRO e BARBOSA, 2005). A necessidade de se criar “santuários de memória” viria justamente deste fenômeno da aceleração, que deixa o tempo presente cada vez mais volátil e tem como consequência imediata a perda das características particulares do homem. A valorização do futuro cria a ilusão da preservação do passado, o que multiplica os lugares de memória, signos de reconhecimento e de pertencimento de um grupo a uma sociedade.

Os meios de comunicação não funcionam apenas como lugares de memória, mas como lugares de memória do mundo, uma vez que estão entre os principais articuladores de experiências sociais, contribuindo, assim, para a afirmação e a emergência de suas próprias identidades e das identidades dos outros (RIBEIRO e BARBOSA, 2005). Os meios de comunicação de massa ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da memória social, sendo, assim,

construtores e/ou legitimadores de *lugares de memória* [...]. Mais precisamente: seriam eles, se não os *lugares de memória* (dadas as interpretações mais restritas do conceito), com certeza espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea. Assim, não há como não assinalar, nas sociedades contemporâneas, a intrínseca relação entre os discursos midiáticos e a produção da memória. (ENNE, 2004)

Sobre a forma como o trabalho jornalístico pode ser pensado como enquadramento de memória, Marialva Barbosa afirma que

o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantém como essencial

nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer. (BARBOSA *apud* ENNE, 2004)

A mídia desempenha papel fundamental na construção das identidades sociais, forjadas a partir dos discursos sociais. E como são múltiplas as apropriações dos discursos, também são múltiplos os processos de identificação.

As memórias são narrativas sociais, práticas discursivas [...]. São tecidas nas arenas de disputas por saber e poder, são objeto de razão e paixão, são fronteiras móveis que servem ao presente, quando reelaboram o passado, mas também ao futuro, quando projetam o devir. Nesse jogo, os agentes ligados aos processos midiáticos exercem um papel fundamental, pela forte penetração de seus discursos e pela configuração de um senso comum avalizado pela categoria sancionada da objetividade. (ENNE, 2004)

Os discursos veiculados nos meios de comunicação registram as transformações e os dramas da cidade. Irllys Alencar F. Bárreira considera o imaginário sobre as cidades um “rico caminho analítico para se pensar o modo como as circunstâncias históricas viabilizam projeções de sociabilidade urbana, sendo o passado ou o futuro as fontes de referência por onde se constroem o ‘paraíso perdido’ ou a visão da ‘nova sociedade’” (BÁRREIRA, 2003). As imagens das cidades induzem à instituição de suas vocações. Daí a força dos processos de recuperação de locais e tradições marcantes da história dos municípios. “Recuperar o passado não é, entretanto, repetir o tempo, mas reinventá-lo” (BÁRREIRA, 2003), e os equipamentos urbanos recuperados ganham novas funções sociais ou políticas. “A própria idéia de patrimônio significa a tentativa de ‘contar’ o passado, adaptando-o à nova linguagem do presente” (BÁRREIRA, 2003). O discurso da preservação é imbuído de características nostálgicas muitas vezes presentes nas falas dos habitantes da cidade (aquilo que a cidade já foi, mas não é mais) e faz do passado um momento de felicidade perdida. “A história dos princípios (onde tudo começou) [...] torna a narração um eterno retorno ou reminiscência de um passado que não se cruza com o atual cotidiano” (BÁRREIRA, 2003).

O conceito de cidade é moldado por significações imaginárias. O passado inventado pode acionar um tempo mítico, uma harmonia perdida ou uma relação com a natureza. “O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo” (HEWINSON *apud* BÁRREIRA, 2003).

4 Televisão e identidades

A sensação de deslocamento vivida pelo indivíduo no mundo contemporâneo recebe a contribuição das redes de comunicação. Taiga Corrêa Gomes (2006) destaca que “as fronteiras se dissolvem, a globalização desloca as identidades nacionais. O sujeito está se tornando fragmentado, assume identidades diferentes em diferentes momentos. Identidades cada vez mais partilhadas”. E a necessidade de compreender o mundo globalizado e de ter acesso ao maior número possível de informações é preenchida pelo jornalismo, sobretudo pela televisão. “O real, traduzido pelas imagens, se materializa na tela que faz parte do nosso cotidiano. O telejornal satisfaz a angústia diária produzida pela necessidade de pertencer ao mundo, em um momento em que ele nos parece tão fragmentado” (GOMES, 2006).

Se a mídia insere o indivíduo no espaço público, influenciando o sentimento de pertencimento, a mediação é ainda mais efetiva quando as notícias se referem ao local em que as pessoas vivem. O telejornal, portanto, exerce o papel de mediador entre o telespectador e a cidade, entre a vida privada e a esfera pública. “No momento em que a globalização nos atinge com tanto impacto, a cidade, o bairro, podem ser o lugar em que o sujeito se reconhece” (GOMES, 2006). A cidade é geradora do sentimento de pertencimento local, a partir do momento em que faz parte da vida cotidiana do indivíduo. “Nela ele é sujeito, pertencente” (GOMES, 2006). A notícia a respeito da cidade provoca maior identificação do telejornal com o telespectador, por abordar assuntos ligados ao seu cotidiano. Segundo Taiga Corrêa Gomes (2006), “em tempos tão globais, quando temos a obrigação de estar permanentemente em contato com o mundo, a cidade se configura como um porto seguro, um lugar em que o nosso imaginário constrói um sentimento de pertencimento local”.

A regionalização de conteúdos da programação televisiva é abordada em relação à noção de comunidades imaginadas de Anderson,

tendo em vista que essas comunidades mantêm uma perspectiva de comunhão mesmo que os membros não se conheçam. Pressupõe-se que a produção televisiva cria condições para essa conexão imaginada, produzindo laços invisíveis entre os espectadores. A representação televisiva ao mesmo tempo dinamiza e consolida as identidades no interior das comunidades imaginadas. (STÜMER e SILVEIRA, 2006)

Stümer e Silveira (2006) partem do princípio de que a televisão é uma das – ou a – instâncias de consagração das identidades culturais e destacam o papel das representações midiáticas na fixação e na difusão da memória. No sistema de organização/ afiliação das emissoras de TV no Brasil, o telejornalismo cumpre um papel fundamental nesse processo de produção regional, e da criação de identidade(s) da cidade(s) e região com seus habitantes e telespectadores, como ressaltou Coutinho (2008). No caso da reportagem objeto da análise, veiculada no Jornal Nacional, vale refletir sobre o papel nesse processo memorial desempenhado pelos recursos televisivos, de acordo com Rogério Leandro Lima da Silveira,

permitem enlaçar representação e realidade com inédita instantaneidade, aprofundando sua própria concepção de espaço tempo. A dilatação da aderência televisiva teve a fortuna de chegar até o ponto de que o espectador já não distingue mais os limites entre o real e sua representação televisionada (LIMA DA SILVEIRA *apud* STÜMER e SILVEIRA, 2006).

5 A memória em cena na TV do presente: algumas descrições ou lembranças

O telejornalismo em rede nacional entrou para a história em 1º de setembro de 1969. Nesta data, a TV Globo colocou no ar o Jornal Nacional (JN), nove anos após a inauguração de Brasília, a nova capital federal. O programa foi transmitido ao vivo para todo o Brasil, um marco na televisão nacional. Pouco tempo depois, a emissora ficaria conhecida por outro feito, a inauguração de mais uma unidade, em 21 de abril de 1971, feriado nacional, agora, no Distrito Federal.

No último 21 de abril, Brasília completou 51 anos de existência. A capital, conhecida pelo pioneirismo do presidente Juscelino Kubitschek, que a construiu no período histórico compreendido pela administração dos “cinquenta anos em cinco”, celebrou o aniversário na mesma oportunidade em que a emissora comemorou 40 anos. Foi quando o JN exibiu a reportagem de três minutos e 21 segundos sobre esta “coincidência” de histórias entre a capital federal e a TV Globo Brasília.

Passemos, portanto, a analisar o papel do Jornal Nacional do dia 21 de abril de 2011 na apropriação, na configuração e na consagração de identidades nacionais e locais, a partir da representação dessas identidades e da evocação da memória em seu conteúdo. Apesar de ser uma quinta-feira, era feriado, e o JN foi ancorado pelos apresentadores Márcio Gomes e Carla Vilhena, profissionais normalmente escalados aos sábados, quando os titulares William Bonner e Fátima Bernardes deixam a bancada

do principal telejornal da emissora e cedem o espaço para outros jornalistas. Na cabeça do VT, os dois apresentadores aparecem juntos na tela. Márcio Gomes, muito à vontade, anuncia que naquele dia havia “dois motivos de comemoração no Distrito Federal. Brasília completa 51 anos”. A colega de bancada completa, dirigindo o olhar para ele e para o público e afirmando que a TV Globo de Brasília também celebrava aniversário - de 40 anos. “Duas histórias que sempre andaram juntas”.

Quando o VT entra, a repórter que o conduz, Cristina Serra, elabora o primeiro texto com referências ao passado. “Era 1971. Brasília tinha pouco mais de dez anos e já atraía a atenção de todos os brasileiros”. As imagens que surgem são da época em que o Distrito Federal ainda caminhava a passos lentos. A cidade nem era tão habitada, mas estava enquadrada nas lentes dos repórteres-cinematográficos da emissora que aparecem na tela com suas câmeras antigas, da época da inauguração da TV em Brasília. O texto continua: “E assim nasceu a Globo Brasília, inaugurada pelo jornalista Roberto Marinho”, diz a repórter. As imagens que ilustram esse trecho são das obras da nova sede e do empresário que contribui com uma pequena entrevista concedida no dia 21 de abril de 1971, feriado nacional e uma excelente oportunidade para inaugurar aquela que talvez seria a emissora “cara de Brasília”. Marinho disse, naquele dia: “Somos a voz, a imagem, a presença de brasileiros, unidos todos na mesma rede, a serviço dos mesmos ideais”.

A reportagem segue mostrando como a trajetória da emissora se confunde com a própria história da evolução tecnológica. “Do filme em preto em branco à era digital”. Neste momento, a construção que surge é a da Praça dos Três Poderes, de décadas atrás, que se funde com a imagem atual do prédio, símbolo da referência nacional em termos de assuntos políticos e de poder. E continua com a apropriação da identidade da TV que se mistura à história da capital. “Mais do que testemunhas, participamos da construção dessa história”. Aqui, aparecem registros de movimentos populares que ficaram marcados na memória de todos os brasileiros – protestos dos sem-terra, manifestações pelas Diretas Já, conflito entre a política e a população, o voto nas urnas, numa expressão de cidadania, cenas que se fundem com referências da própria TV, como a expressão “no ar”, típica dos estúdios de uma emissora. Por fim, aparece a vitória de Tancredo Neves e a vibração no Congresso Nacional, quando, após anos de ditadura militar, o político é eleito pelo voto indireto de um colégio eleitoral como o novo presidente da república.

Logo após essa sequência, a edição insere *takes* da morte do recém presidente eleito, que provocou comoção nacional. O então porta-voz da presidência da república, Carlos Monforte, aparece em trecho da época. “Nossos repórteres continuam de plantão e vão acompanhar todas as homenagens que os brasileiros vão prestar ao presidente Tancredo Neves lá em São Paulo, aqui em Brasília e em São João Del Rei”. A emoção do jornalista, que chega a embargar a voz, é nítida. Para completar a necessidade de se reproduzir o que aconteceu na época, a reportagem volta a inserir uma entrevista do mesmo jornalista, desta vez, feita recentemente. Ele ratifica o que passou no dia da morte de Tancredo, numa tentativa de humanizar o material e aproximá-lo dos telespectadores. “Tem momentos em que é impossível você não transmitir essa emoção e acontece isso”.

O material comemorativo aos 40 anos da TV Globo Brasília continua com imagens de Ulisses Guimarães, a Nova Constituição de 1988 e a repercussão desse momento nas ruas. Os cara-pintadas surgem lado-a-lado com o ex-presidente Fernando Collor de Mello. Nesse ponto, é colocado um trecho de uma passagem do repórter Heraldo Pereira, feita entre os jovens que foram às ruas e exigiram o *impeachment* de Collor. De maneira bem informal, o jornalista conduz sua participação e termina com o rosto pintado pelos manifestantes. O *off* de Cristina Serra reforça: “E olha quem virou cara-pintada”. O próprio Heraldo, já nos dias de hoje, concede uma entrevista à repórter que conduz o VT dando detalhes de como Brasília ficou na época. “Isso aqui virou um local de muita concentração e de efervescência,” revela.

O texto e as imagens que vêm a seguir demonstram o poder da emissora em estar presente nos momentos mais marcantes da história do Distrito Federal. “Na telinha da Globo, o Brasil ao vivo, em tempo real” (imagens dos cinegrafistas e seus equipamentos captando as cenas – artifício geralmente excluído do telejornalismo diário, por se tratar de um movimento “por trás das câmeras”). “As crises, os escândalos, as alegrias. Histórias que chocaram a cidade e o país”. Novamente, entram cenas que permanecem na memória dos brasileiros, como brigas no Senado, baderna e conflito entre polícia e manifestantes, escândalos envolvendo políticos e as câmeras escondidas que revelam subornos e falcaturas do poder. Quando o *off* trata de alegrias, as imagens que ilustram o trecho são da seleção de futebol chegando vitoriosa ao Brasil após a conquista da Copa do Mundo de 1994. O atacante Romário, um dos destaques da seleção, está na cabine do avião que traz a equipe. Ronaldo, seu parceiro na época, aparece dando autógrafos e

sorrindo, numa demonstração das referências nacionais de competitividade, vitória e superação.

O próximo trecho da reportagem de Cristina Serra mostra algo que chocou não só o país, mas o mundo inteiro: o episódio em que o índio Galdino foi encontrado queimado em um ponto de ônibus, devido à ação de jovens de classe média-alta de Brasília. Outro momento marcante do Brasil: o drama da mãe que teve o filho sequestrado de um hospital do Distrito Federal e o reencontro do garoto com os pais biológicos. O texto faz referência ao desfecho do caso. “O menino Pedrinho roubado na maternidade e o final feliz 16 anos depois” e completa com a passagem da época: “Pedrinho faz planos de ser advogado, perto da família”.

Na passagem de Cristina Serra, a equipe de produção utiliza o *Chroma-key*. A repórter aparece em primeiro plano e, ao fundo, a imagem que se tem é da Praça dos Três Poderes, uma construção de Oscar Niemeyer e conhecida no exterior por retratar o Brasil. O texto completa a informação subliminar.

É neste cenário que os brasileiros reconhecem a TV Globo Brasília. Daqui mostramos os fatos políticos e as decisões econômicas que afetam a vida de todos nós. Mas o nosso jornalismo também mostra o outro lado da capital.

Antes mesmo de a repórter finalizar a última frase, ela vai caminhando para o lado esquerdo da tela. A imagem do fundo vai dando lugar a uma rua simples de um bairro da capital, onde está uma equipe de reportagem – nitidamente, jornalistas da TV Globo. Neste momento, Cristina Serra completa o pensamento. “O dia-a-dia de milhares de cidadãos. Queremos ajudar a melhorar a vida das pessoas. E é uma grande vitória quando conseguimos”.

O exemplo da referida vitória vem em forma de texto.

Foi assim em 2000, com esta reportagem sobre crianças da zona rural. Elas tinham que atravessar um rio, o Córrego das Corujas, para chegar à escola. As crianças cresceram, mas a memória daquela travessia é muito nítida.

O rosto de um adolescente aparece em primeiro plano e, logo em seguida, a face familiar de uma criança no passado. É o estudante Cláudio Henrique Vieira, de 18 anos. Ele aparece na reportagem de dez anos atrás fazendo a travessia perigosa e, hoje, concede uma entrevista relembrando o que tem guardado na memória. “Era ruim porque na hora de passar tinha perigo de animal, de cobra e fora que se chovesse não tinha

como ir para a escola”. Cristina Serra revela que, “depois da reportagem, o governo providenciou um ônibus para as crianças”, indicando que a presença da TV Globo em Brasília não só contribui para registrar fatos históricos, mas, também, para realizar conquistas para a comunidade.

O *off* final mostra a intenção da emissora da capital federal em fazer parte da vida do Distrito Federal. “Participar de histórias como essa é a nossa maior recompensa. E assim se passaram 40 anos. Que venha o futuro”. Quando o texto evocou o passado (“Participar de histórias como essa [...]”), entraram rápidos *takes* de passagens de vários repórteres que já trabalharam na TV Globo em Brasília, demonstrando, mais uma vez, que a presença da emissora em momentos históricos da capital e do país. Já quando foi evocado o futuro (“Que venha o futuro”), a imagem mostrou equipamentos de televisão, a tecnologia, e a música (BG) tomou um viés mais animado, numa melodia mais futurística.

6 Conclusão

Ainda que em anos diferentes, a TV Globo Brasília foi fundada – não por acaso – no mesmo dia em que a capital federal foi inaugurada, em um 21 de abril, feriado nacional, Dia de Tiradentes, um mártir brasileiro, considerado patrono cívico do Brasil, que lutava pela transformação do país em uma república. Também o mesmo dia em que, anos depois, morreu Tancredo Neves, que seria o primeiro presidente civil da nação após os anos de ditadura militar (e que não poderia, portanto, ficar de fora da reportagem). E já antes do VT ser exibido, os apresentadores do JN anunciaram que as histórias da capital e da emissora “sempre andaram juntas”.

Durante toda a matéria, ficou nítida a tentativa da emissora de promover um processo de identificação com o público. As origens, as raízes unem-se ao contemporâneo. As imagens antigas e atuais do território – a cidade, capital federal – e de seus personagens (incluindo aí os repórteres da TV Globo Brasília) promovem um tipo de união entre o velho e o novo, evocando marcos fundadores e o passado. Nessa tentativa, não poderia ficar ausente da reportagem o fundador e eterno presidente das Organizações Globo, o jornalista Roberto Marinho, que no dia da inauguração da emissora, há 40 anos, já antevia a importância da Globo Brasília: “Somos a voz, a imagem, a presença de brasileiros, unidos todos na mesma rede, a serviço dos mesmos ideais”.

Não apenas momentos positivos foram lembrados no VT. Claro, nenhuma história se faz apenas de alegrias. Violência, tristeza, corrupção estão na memória de Brasília e da TV Globo local. E a emissora, que presenciou esses momentos, levou-os novamente à tela para que os telespectadores pudessem relembrá-los. Mas a cidadania, a força do povo e as alegrias também estão presentes na reportagem, assim como a emoção. A história nacional funde-se com a história da emissora, como se fossem a mesma coisa. Cinegrafistas e repórteres são agentes históricos. “Na telinha da Globo, o Brasil ao vivo, em tempo real”. A passagem da repórter, ainda que feita em estúdio, com o recurso do *Chroma-key*, mostra, ao fundo, o local que é a cara de Brasília não só para o Brasil, mas para o mundo: a Praça dos Três Poderes, onde o futuro da nação é desenhado.

Além de narrar a história, a emissora faz parte dela – mais uma forma de promover envolvimento e identificação com o público. Como falado pela repórter que fechou o VT, a emissora exerce os papéis de testemunha e de agente da narrativa nacional e local. Com isso, a identidade da emissora é trabalhada junto ao público por meio da reportagem. Uma TV sempre presente, que inclusive ajuda a resolver problemas de seu povo, o que é tratado como um mérito: “Queremos ajudar a melhorar a vida dessas pessoas. E é uma grande vitória quando conseguimos”. E assim é cultivado o sentimento de pertencimento dos telespectadores e é tecida uma relação de confiança que deve existir entre o público e a TV. Outro aspecto que merece registro é o binômio comunicação-desenvolvimento, presente o tempo todo na reportagem. A emissora alavanca o crescimento da cidade ao mesmo tempo em que há a celebração na reportagem quanto ao amadurecimento da TV na capital federal, numa via de mão dupla em ambas se beneficiam dessa “parceria”, como poderia “lembrar” quem teve acesso aos vestígios do passado presentes na narrativa do Jornal Nacional.

7 Referências

BÁRREIRA, Irllys Alencar F. **A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio** in Sociologias. Porto Alegre, ano 5, nº 9, jan/jun 2003, p. 314-339.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

ENNE, Ana Lucia S.. **À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas** in Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol. 3, nº 7, p. 11-29, jul. 2006.

ENNE, Ana Lucia S.. **Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional** in Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol. VI, nº 2, p. 101-116, jul/dez 2004.

GOMES, Taiga Corrêa. **A localidade no telejornalismo: um espaço de interação e pertencimento** in Intercom Sudeste 2006. Ribeirão Preto, maio 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** in SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e BARBOSA, Marialva. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. Artigo apresentado no II Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença** in SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

STÜMER, Adriana e SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **A casa da vovó na TV: a captura de uma identidade étnica e sua representação televisiva** in UNIrevista. Vol. 1, nº 3, jul. 2006.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual** in SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.